

DESIGN E ACELERAÇÃO SOCIAL: Desdobramentos em Tempo e Ritmo

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2024.60.15178>

Submetido em: 19/9/2023

Aceito em: 25/2/2024

Publicado em: 29/4/2024

Gabriel Gallina Jorge¹; Fabrício Farias Tarouco²

RESUMO

A sociedade que foi constituída nas últimas décadas, e suas dinâmicas urbanas, podem ser caracterizadas por um constante processo de aceleração que muitos atribuem à modernidade. Com este cenário de fundo, este artigo explora a interseção complexa entre tempo, ritmo e design na sociedade contemporânea, analisados à luz da Teoria da Aceleração Social proposta por Rosa (2019). Observou-se como esses conceitos se entrelaçam e se manifestam em três abordagens contemporâneas de interpretação do design, conforme é discutido por Pschetz e Bastian (2018), Fuad-Luke (2008) e Manzini e Jégou (2006). Ao inserir tal área nessa discussão, vislumbra-se não apenas um olhar sobre as transformações das últimas décadas, mas também um chamado à reflexão sobre os caminhos a serem percorridos no futuro. Como conclusão, abordou-se a importância de repensar o ritmo do design, explorando possíveis inovações que promovam uma desaceleração e contribuam para um estilo de vida mais sustentável e equilibrado, sem comprometer a relevância e o impacto do campo.

Palavras-chave: tempo; ritmo; design; aceleração social.

DESIGN AND SOCIAL ACCELERATION: UNFOLDING IN TIME AND RHYTHM

ABSTRACT

The society that has been created in recent decades and its urban dynamics can be characterized by a constant process of acceleration, which many attribute to modernity. With this background scenario, this article explores the complex intersection between time, rhythm and design in contemporary society, analyzed in light of the Social Acceleration Theory proposed by Rosa (2019). It was observed how these concepts intertwine and manifest themselves in three contemporary approaches to design interpretation, as discussed by Pschetz and Bastian (2018), Fuad-Luke (2008) and Manzini and Jégou (2006). By inserting this area into this discussion, we can not only look at the transformations of recent decades, but also a call to reflect on the paths to be taken in the future. In conclusion, the importance of rethinking the pace of design was addressed, exploring possible innovations that promote a slowdown and contribute to a more sustainable and balanced lifestyle, without compromising the relevance and impact of the field.

Keywords: time; rhythm, design; social acceleration.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4215-6375>

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-1658-4456>

INTRODUÇÃO

A vida na sociedade contemporânea é caracterizada por uma constante aceleração, que pode ser interpretada como condição intrínseca à modernidade. Atividades antes realizadas em dias agora ocorrem em questão de horas, minutos ou até segundos. É o caso de viagens intercontinentais, que antes levavam meses e agora são realizadas em horas, graças aos avanços da aviação comercial. A comunicação instantânea, realizada por meio de telefone, *e-mail* e redes sociais, substituiu a lentidão das cartas. O acesso rápido à informação pela internet superou a dependência pelas bibliotecas e enciclopédias. Transações financeiras e compras *on-line* agilizaram os processos, evitando filas e estruturas desnecessárias. Esses avanços proporcionaram mais agilidade, eficiência e comodidade em nossas dinâmicas cotidianas.

Se imaginávamos no passado um cenário no qual os avanços tecnológicos permitiriam uma considerável economia de tempo, hoje percebemos que todos parecem ter cada vez menos tempo livre disponível. Isso acontece porque o ritmo da vida acelerou e, juntamente com ele, vieram o estresse e a ansiedade pela falta de tempo. Experimenta-se, atualmente, uma sensação de angústia diante da impossibilidade de lidar com um presente cada vez mais inundado de prazos, informações e demandas. São várias as expressões populares que refletem essa realidade, como: *estou sempre atrasado para tudo*, *estou correndo contra o tempo* e *estou sem tempo*, são maneiras de perceber e comunicar uma noção ressignificada de tempo e ritmo, demonstrando sua importância no nosso cotidiano.

Tempo e ritmo são termos que possuem múltiplos significados em várias áreas do conhecimento. Aqui, no entanto, interessa-nos explorar o entendimento mais conectado ao cotidiano, aquele tempo social que observa como a sociedade organiza, percebe e vivencia o passar das horas e dos dias. Quando nos referimos a tempo, falamos de um dado período de momento – horas, turnos, dias, semanas, meses, anos etc. – no qual eventos se sucedem linearmente e trazem a noção de presente, passado e futuro. Este período pode ser fracionado – um dia divide-se em manhã, tarde, noite e madrugada, por exemplo – e a estes blocos chamaremos de compassos, termo emprestado da gramática musical (Horta, 1985; Kiefer, 1973). Para exemplificar, o compasso da tarde, quando o indivíduo trabalha, tem um ritmo mais acelerado que o da madrugada, quando se dorme.

O termo ritmo representa o movimento regular dos eventos que ocorrem dentro de um compasso de tempo. Na música, ritmo traz uma noção de fluir por medidas e ordenamentos, duração e intensidade (Kiefer, 1973), isto é, muitas batidas repetidas (intensidade) no espaço de um minuto (duração) significam que temos um ritmo musical acelerado. Ritmo, porém, não é um conceito restrito à música apenas. Percebemos o ritmo em nosso cotidiano, pois quanto mais demandas temos para realizar (intensidade) e concluir no intervalo de uma hora (duração), mais rápida será nossa performance para conseguir atendê-las. Ou seja, este encurtamento ou adensamento de ações significa que estamos em uma dinâmica de ritmo acelerado. É importante afirmar que esta dinâmica nem sempre é deliberada por nós, mas, também, imposta pelas estruturas sociais. O ritmo é um elemento fundamental para compreender a vida cotidiana, destacando sua importância na análise crítica da sociedade (Lefebvre, 1992).

Ritmos podem sofrer mudanças de cadenciamento – sendo mais ou menos acelerados – trazendo uma noção de modulação, outro termo importante a esclarecer. Neste contexto, o verbo modular refere-se a controlar ou ajustar a velocidade ou intensidade de algo de forma

gradual e progressiva. É o ato de modificar ou regular o ritmo de uma atividade, processo ou fenômeno, geralmente com o objetivo de interferir na sua velocidade.

Vários autores (Lefebvre, 2011; Harvey, 2016; Rosa, 2019; Honoré, 2019) explicam que este ritmo vertiginoso está associado à globalização e seus efeitos de compressão do espaço-tempo, que encurta distâncias e acelera processos. Percebemos que o ritmo parece ser influenciado e influenciador ao mesmo tempo, em um contínuo processo de causa e efeito. A aceleração das práticas cotidianas tem reflexo em muitas áreas e contextos mercadológicos, posto que o design é uma destes segmentos.

Como premissa, o design envolve o aperfeiçoamento ou criação do que ainda não existe, levando em consideração a dimensão temporal neste processo (Papanek, 1985). Além da abordagem linear do tempo, pesquisadores da área do design também refletem criticamente quanto ao suporte dado à produtividade, eficiência e economia de tempo, ou seja, questões relacionadas com a aceleração. Sobre isso, foram identificadas algumas vertentes, como a que aborda o tempo como direção (Manzini; Jégou, 2006); a que trata do tempo pelo seu andamento (FUAD-LUKE, 2008); e a que posiciona o tempo enquanto organizador social (Pschetz; Bastian, 2018); abordagens estas que são relevantes para nossa discussão. É neste cenário de reflexão sobre as práticas de design e seu impacto na aceleração das dinâmicas cotidianas da sociedade que propomos analisar os conceitos de ritmo e tempo. Neste contexto, Hartmut Rosa (2019) é um autor que organiza categorizações importantes que sustentam e facilitam a construção de discussões mais objetivas sobre o assunto. Em outra frente, os autores da área de Design ganham destaque após pesquisas sobre tempo e ritmo publicadas em periódicos da área que resultaram na organização de abordagens distintas analisadas a seguir.

Neste artigo exploraremos a complexa interseção entre tempo, ritmo e design na sociedade contemporânea, à luz da Teoria da Aceleração Social proposta por Rosa (2019). Ao longo do texto, analisaremos como esses conceitos se entrelaçam e se manifestam em três abordagens contemporâneas do design, conforme discutido por Pschetz e Bastian (2018), Fuad-Luke (2008) e Manzini e Jégou (2006). Ao inserir o design nessa discussão, vislumbramos não apenas um olhar sobre as transformações das últimas décadas, mas também um chamado à reflexão sobre os caminhos a serem percorridos no futuro. Ao final, abordaremos a importância de repensar o ritmo do design, explorando possíveis inovações que promovam uma desaceleração e contribuam para um estilo de vida mais sustentável e equilibrado, sem comprometer a relevância e o impacto do campo. Afinal, compreender o passado é essencial para moldar um futuro mais promissor e consciente.

O TEMPO E O RITMO NA ACELERAÇÃO SOCIAL DE HARTMUT ROSA

O sociólogo alemão Hartmut Rosa (2019) elabora uma crítica à modernidade destacando o seu impacto na aceleração do tempo e ritmo da sociedade. Sua teoria da *aceleração social* é relevante, pois apresenta estruturas descritivas organizadas quanto ao tempo, aceleração e desaceleração que auxiliam na análise destes fenômenos. Suas propostas de categorização oferecem estímulos para reflexões nas quais iremos posicionar e conectar o design durante a reflexão em desenvolvimento.

Segundo Rosa (2019), a formação social moderna encontra-se em modo de estabilização dinâmica, isto é, mantém sua estrutura equilibrada assimilando inovações e crescendo acelera-

damente (p. XI). Esta tríade inovação-crescimento-aceleração pode ser compreendida enquanto dimensão social (inovação), material (crescimento) e temporal (aceleração) de um processo dinâmico definido pelo aumento quantitativo por unidade de tempo (ritmo). Ou seja, é uma dinâmica escalar, e não importa o quão bem-sucedidos sejamos agora, pois, para manter nossa posição, devemos ser melhores, mais rápidos, mais eficientes e mais inovadores constantemente (Rosa, 2019, p. XV).

Estamos imersos nesta dinâmica moderna e nela realizamos experiências de ressonância³ para nos harmonizar. Rosa (2019, p. XXXI) desloca este conceito para a dinâmica social, considerando ressonância o princípio orientador que nos ajusta enquanto sociedade. Ou seja, como na física, nossa tendência é aceitar e nos integrar às vibrações externas destas dinâmicas. É como seguir o fluxo da multidão em uma rua movimentada.

Todos os eventos, objetos e circunstâncias do mundo social são de natureza dinâmica e estão circunscritos no tempo (Rosa, 2019, p. 1). O tempo, segundo Rosa, é sempre um tempo local ligado a um lugar (2019, p. 57), o que significa que este tempo ajuda a constituir contornos socioculturais locais (2019, p. 122) e não deve ser visto como uma dimensão generalista e universal. A propósito disso, Rosa (2019, p. 16) distingue três níveis de tempo: o *tempo cotidiano*, relacionado às horas do dia; o *tempo biográfico*, relacionado aos anos de vida; e o *tempo histórico*, relacionado a décadas e períodos mais amplos. Simplificando seu argumento, é como se estivéssemos falando do tempo contado por horas ou dias (cotidiano), por anos (biográfico) e por décadas (histórico). É importante observar que o ritmo, a velocidade, a duração e a sequência de nossas atividades nem sempre são definidos por nós mesmos, mas, sim, determinados por modelos temporais coletivos e pelas exigências de sincronização da sociedade. Assim, orientamos nossas ações em razão destes modelos para nos encaixar socialmente (Rosa, 2019, p. 21), buscando, por meio da ressonância, sincronizar, acoplar, harmonizar e, como já mencionado, acelerar (p. 44).

Se os tempos *biográfico* e *histórico* nos demandam uma leitura mais distante e um tanto vaga, exigindo esforços de memória ou de projeções futuras, aquele tempo *cotidiano* se apresenta de maneira diferente. A dimensão do *cotidiano* parece ser a mais tangível, quando sentimos e interagimos diretamente com os aspectos imediatos do nosso presente. Vejamos a seguinte situação: um indivíduo preso no congestionamento de uma cidade qualquer utiliza um aplicativo em seu *smartphone* para encontrar uma rota alternativa e evitar desperdiçar seu tempo no trânsito. Se essa situação lhe parece familiar, é importante notar que esse indivíduo – que pode ser você – provavelmente saiu durante o “horário de pico”, um momento que está de acordo com as convenções sociais. Ele está no carro, inserido na infraestrutura viária oferecida pela cidade, e recorre à tecnologia por meio de um dispositivo conectado a um aplicativo de serviço projetado para identificar em tempo real rotas alternativas, permitindo economia de tempo. Logo, se a situação lhe desacelera, ocasionando perda de tempo, o design pode lhe ajudar a corrigir isso.

Nossa discussão não trata apenas do tempo, mas de sua cadência. Sobre isso, Rosa (2019) sugere que existem níveis de aceleração (p. 98): o processo de *aceleração das mudanças sociais*,

³ O termo vem da física e representa o fenômeno em que a vibração de um artefato provoca a oscilação de outro artefato, gerando nele algum tipo de transformação.

que envolve questões de controle individual; a *aceleração técnica*, que representa o avanço do transporte e da tecnologia; e a *aceleração do ritmo de vida*, que trata da multiplicação de experiências por unidade de tempo. Essas duas últimas pressupõem a busca por eficiência e racionalização inerentes aos arranjos sociais predefinidos, aos quais nos adaptamos. Disso, já se sabe que a aceleração social ocasiona problemas de saúde, como pressão por desempenho, ansiedade e esgotamento, caracterizando a sociedade atual como uma sociedade do cansaço. Segundo recente pesquisa do Instituto Datafolha⁴, 43% dos brasileiros vive e consome em ritmo muito acelerado. Ou seja, estamos fazendo mais coisas em menos tempo, e isso, infelizmente, nos traz problemas: a mesma pesquisa diz que 83% concordam que a vida acelerada prejudica a saúde. Esta situação é global e não se restringe ao Brasil, obviamente. A crescente velocidade das dinâmicas sociais é uma condição da modernidade na qual nos adaptamos. O termo *normose* foi criado para explicar justamente isso: nossa tendência em normalizar comportamentos prejudiciais à saúde física, emocional e mental, adotando padrões de vida disfuncionais devido à pressão social e ao receio de se desconectar desta realidade (Crema; Leloup; Weil, 2003). Em outras palavras, à medida que percebemos o ritmo acelerado das coisas ao nosso redor nos sentimos pressionados a nos apressarmos na mesma medida.

Percebemos que, assim como acontece com o tempo, também há melhor reconhecimento do ritmo acelerado nos níveis mais próximos do cotidiano. Tanto a dimensão *técnica* quanto a *do ritmo de vida* sugerem uma aceleração que busca otimização e rendimento nos processos do dia a dia, temas que são facilmente identificados no nosso cotidiano, inclusive na própria prática do design. A atividade de design foi, com o passar do tempo, encurtando seus prazos e acelerando suas práticas e etapas projetuais. O período de criação, que era repleto de manualidades e busca intensa por inspirações, foi gradualmente migrando para dentro dos computadores, eliminando, conseqüentemente, protótipos, pranchas, moldes e rascunhos em papel. Por mais que possa parecer uma evolução normal da área, o que acontece em certos momentos é uma banalização dela, com significativa redução da qualidade das entregas. Além de pouca inovação na área e muita cópia de “cases” encontrados na internet, há reflexos na formação desse profissional e no seu processo criativo, uma vez que é possível encontrar anúncios de “curso de design gráfico em um mês” e empresas que prometem desenvolver “projetos em um prazo de 24 horas”. Salvo exceções que reforçam a regra, é impossível “ser criativo” continuamente em períodos cada vez mais escassos, com exigências cada vez maiores e multidisciplinares. Por outro lado, é preciso refletir sobre o que está sendo produzidos por estes designers e o impacto que sua obra tem na sociedade contemporânea, posto que novos produtos, novas tecnologias e novos serviços lançados continuamente acabam alterando hábitos e dinâmicas cotidianas, acelerando-os muitas vezes e sobrecarregando indivíduos que já se encontram sem tempo, mas precisam adaptar-se ao *status quo*. Ou seja, o design pode ser, ao mesmo tempo, causa e consequência do que está acontecendo com esta geração.

Sabemos que a aceleração social manifesta-se de maneira ampla e impacta diversos aspectos de nossa vida, como consumo, alimentação, trabalho, comunicação, estudo, relacionamentos, moradia, entre muitos outros. Vemos que o progresso tecnológico possibilitou ao

⁴ Pesquisa “Modo acelerado: A relação do brasileiro com o tempo”, encomendada pela Eisenbahn ao Instituto de Pesquisa Datafolha em 2023. Disponível em: https://www.eisenbahn.com.br/media/e3tnrvzq/eisenbahn_pesquisa-modo-acelerado.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

design oferecer soluções que permitam às pessoas acompanhar esse ritmo e se adaptar a essa nova realidade com mais eficiência. Isso ocorre desde sempre, mas para ficarmos em um exemplo recente, reparemos que todas as plataformas digitais de vídeo, áudio, *podcast*, filmes e aulas oferecem o recurso de acelerar a visualização de seu conteúdo, permitindo que o usuário consuma em velocidades mais rápidas para otimizar o seu tempo.

Segundo Byung-Chul Han (2017), outro autor que discute a aceleração social, o indivíduo faz assim porque o mecanismo social o conduz a isso, como um princípio evolutivo que rege uma sociedade do desempenho (p. 23). Já sabe-se que essa dinâmica acelerada ocasiona diversos problemas de saúde, como pressão por desempenho, *burnout*, depressão, ansiedade e esgotamento, caracterizando nossa sociedade atual como uma sociedade do cansaço (Han, 2017). Estamos lidando mal com o tempo, e parece que nosso ritmo de vida apressado é causa e efeito da aceleração técnica criada por nós mesmos justamente para... termos mais tempo. Algo parece não estar dando certo.

Voltando à discussão da sociedade acelerada, Rosa (2019) traz conceitos da filosofia *slow*⁵ para sua discussão, ao reconhecer que, para promover uma vida equilibrada e uma sociedade mais estável, precisamos explorar ritmos alternativos e lentificados como contraponto à aceleração. Esses ritmos alternativos podem ser fenômenos que escapam ou até mesmo se opõem à aceleração. Em sua teoria, o autor identifica fatores que contribuem para uma estabilidade das nossas dinâmicas, e organiza estes “freios” em quatro níveis: Os nossos *limites naturais*, que atuam como freios à velocidade; a *desaceleração colateral*, que resulta de aspectos técnicos e/ou ritmo de vida; a *desaceleração intencional*, empregada deliberadamente ou como estratégia para acelerar posteriormente; e as *ilhas de desaceleração*, locais reconhecidos como territórios de calma. Estes freios atuam como contrapesos que contribuem para a estabilidade dinâmica da estrutura social. Rosa afirma que a busca pela desaceleração e por ritmos alternativos promove uma vida mais equilibrada e uma sociedade mais estável, uma vez que a aceleração do desenvolvimento e inovação não irá cessar.

Observamos que os dois primeiros – *limites naturais* e *desaceleração intencional* – estão relacionados à capacidade ou vontade individual, à medida que os demais – *desaceleração indesejada* e *ilhas de desaceleração* – já incorporam outros aspectos mais fáceis de reconhecer. Por exemplo, percebemos que obras como construções de edifícios e reparos nas infraestruturas urbanas podem causar uma *desaceleração indesejada ou colateral*, com o fechamento de vias, desvios de tráfego e redução do fluxo normal. Também vemos que falhas ou interrupções nos serviços públicos, como fornecimento de água, energia elétrica ou transporte coletivo, podem resultar em desaceleração nas atividades diárias da cidade. Essas interrupções influenciam no funcionamento de empresas, residências e serviços essenciais, causando inconvenientes e atrasos que repercutem nos ritmos da cidade.

Já as *ilhas de desaceleração* são facilmente identificadas no contexto da cidade. Um exemplo claro são as praças e parques urbanos que apresentam espaços livres, amplos e com maior presença da natureza. Estes ambientes, quando adequados, proporcionam uma atmosfera tranquila, confortável e propícia ao relaxamento e *desaceleração intencional*. Muitas pessoas param ali propositalmente para descansar. Embora, portanto, o mecanismo social moderno

⁵ <https://www.slowfood.com>

sugira ritmos acelerados, é possível identificar nele próprio seus contrapontos necessários. São como contrapesos que contribuem para a estabilidade dinâmica desta estrutura. A seguir, faremos uma análise de como este equilíbrio pode ser articulado também pelo Design.

O TEMPO E O RITMO NO DESIGN

A essência do design está na transformação ou criação daquilo que ainda não existe. Esta orientação pressupõe que o designer considere a dimensão temporal, pois sua intervenção acontecerá em momento futuro. No design, entretanto, discutem-se outras perspectivas do tempo além desta usual abordagem pela linearidade dos acontecimentos.

O design vem observando (PSCHETZ, BASTIAN E SPEED, 2016), de forma mais crítica, as práticas socioculturais e o papel dos artefatos nessa complexidade. Em termos de temporalidade, essa tendência pode ser identificada pela crítica à aceleração e consequente questionamento do tradicional suporte do design para a produtividade, eficiência e economia de tempo. Ou seja, existe o interesse em especular sobre temporalidade. Sobre isso, são identificadas algumas vertentes. A primeira abordagem trata do tempo como direção (Manzini; Jégou, 2006); a segunda fala do tempo pelo andamento (Fuad-Luke, 2008); e a terceira, sobre o tempo como organizador social (Pschetz; Bastian, 2018).

Começaremos com a abordagem que trata do *tempo como direção*. Esta perspectiva considera o tempo pela linearidade, com o design atuando no sentido presente-futuro. Nela, o design assume uma abordagem crítica do tempo, tentando especular ou antecipar o impacto de ações atuais em um futuro plausível. Essa perspectiva pode ser identificada por meio do Design de Cenários. Nela, Ezio Manzini e François Jégou (2006) são pesquisadores reconhecidos pela aplicação do conceito de cenários de Heijden (2009) no âmbito do design.

O Design de Cenários é uma abordagem que cria quadros futuros para ajudar a entender como as tendências, tecnologias e fatores socioculturais afetariam um determinado contexto. É utilizada não apenas para orientar decisões a longo prazo, mas, também, enquanto estímulo para conversações estratégicas e criativas. Neste sentido, Manzini e Jégou (2006) trabalham com o tempo pela perspectiva direcional, sendo cenário a imaginação dos possíveis destinos. A narrativa que estrutura esses cenários observa uma linha de tempo ou uma noção de distâncias. O cenário, portanto, é como um lugar idealizado e projetado no horizonte, havendo um entendimento de prazo – curto, médio e longo – ou instâncias para este lugar ser alcançado. Assim, as opções de futuro que se abrem são representantes de uma transformação programada, efeito da ação do design naquele tempo.

Vemos que Manzini e Jégou (2006) observam o tempo como caminho ao ponto futuro, sendo este um lugar de possibilidades projetadas. Design de/por cenários traz uma perspectiva especulativa que oportuniza discussões importantes ao fazer ver futuros possíveis, expor expectativas e sugerir como chegar lá.

A segunda abordagem observa o *tempo pelo andamento*. Estudar o tempo pela percepção da aceleração considera, entre outras coisas, observar o desenvolvimento e o culto das novas tecnologias, otimização e eficiência de produção, duração de vida dos artefatos e consumo contínuo. Todas estas questões têm relação com o tempo, obviamente, mas, também, com o design. Neste campo, Alastair Fuad-Luke (2008) é um autor que reflete sobre isso e sugere uma

abordagem cuidadosa, consciente e responsável na criação de soluções duradouras e sustentáveis. É dele o conceito de *Slow Design*.

O *Slow Design* é inspirado no movimento *Slow Food*, que busca promover a qualidade da comida e o respeito pelos processos de produção. Assim como o *Slow Food*, o *Slow Design* valoriza a atenção aos detalhes, priorizando a qualidade e a sustentabilidade em vez da velocidade e quantidade. Segundo o autor, esta abordagem incentiva um processo mais ponderado e reflexivo, com o objetivo de entregar bem-estar para indivíduos, sociedades, ambientes e economias. Sua proposta pode ser vista como um tipo de ativismo criativo, sugerindo um reposicionamento de foco do design. São critérios pelos quais o designer pode desafiar-se a reavaliar processos, motivações e resultados. É como uma autocrítica necessária diante do seu impacto na sociedade.

É interessante ver que outros autores compartilham destas premissas. Ezio Manzini (2008) refere-se ao tempo lento e contemplativo como forma de promover a sustentabilidade e o bem-estar das pessoas neste mundo acelerado. Segundo Manzini (2008), o tempo lento contemplativo é o tempo dedicado às atividades que nos fazem sentir bem, permitem-nos relaxar, apreciar, pensar e criar com mais qualidade. A ideia não é tornar tudo devagar, mas buscar um equilíbrio sustentável, ou, como define o autor, uma *ecologia do tempo* (Manzini, 2008). Ou seja, a busca por relações intensas demanda uma nova escala de valores, novas interpretações e experiências de tempo.

Percebe-se que esta é a abordagem que mais se relaciona com o conceito visto de aceleração social proposto por Rosa (2019). Se a modernidade implica aceleração, isso se dá pelos avanços tecnológicos que, sabemos, têm relação direta com o design. Surge a oportunidade de discutir sobre responsabilidade do design enquanto agente estimulador desta aceleração e mediador da nossa compreensão do tempo.

A terceira abordagem trata o *tempo como organizador social*. Esta abordagem, proposta por Larissa Pschetz e Michelle Bastian (2018), é diferente das anteriores, pois não considera o tempo em termos de duração, ritmo ou direção. Chamada de *Design Temporal*, sua perspectiva vê o tempo como algo emergente das relações sociais. A proposta é chamar a atenção para as negociações em torno do tempo que ocorrem na vida social, onde o tempo é tratado em termos de gestão, legitimidade e *status*.

Ao entender que o tempo é múltiplo, heterogêneo e decorrente de emaranhados desiguais entre várias formações sociais, o *Design Temporal* sugere que o designer conteste e remodele narrativas deste tempo. O tempo deixa de ser uma preocupação particularizada, como algo a ser enfrentado individualmente, para ser pensado enquanto articulador de relações plurais. Neste sentido, o *Design Temporal* observa as teias de relações que este tempo produz, como se este fosse um modulador social. É uma perspectiva que traz para si aspectos culturais, sociais e econômicos das experiências temporais, observando como estes configuram grupos específicos. Para as autoras, o tempo é conflitante e requer um compromisso de ajuste que pode se dar pelo design. Isto é, sugere que o design identifique narrativas temporais predominantes e questione-as por meio de diferentes perspectivas do tempo para destacar outras temporalidades alternativas que demonstrem multiplicidade e a diversidade.

Como fechamento desta etapa, apresentamos o Quadro 1, que resume as três abordagens.

Quadro 1 – As três abordagens de design para o ritmo

ABORDAGEM	O QUE PROPÕE	AUTOR(ES)
Tempo como direção	Design por Cenários: Design atuando no sentido presente-futuro, tentando especular ou antecipar o impacto de ações atuais em um futuro plausível através de cenários.	Manzini e Jégou, 2006
Tempo pelo andamento	Slow Design: Design atuando de maneira ponderada e reflexiva, priorizando a qualidade e a sustentabilidade em vez da velocidade e quantidade.	Fuad-Luke, 2008 Manzini, 2008
Tempo como organizador social	Design Temporal: Design que projeta dinâmicas sociais e negociações em torno do tempo.	Pschetz e Bastian, 2018

Fonte: Elaboração própria (2023).

CRUZAMENTOS E REFLEXÕES

Como foi constatado, cada autor traz um olhar sobre tempo e ritmo, posto que, entre semelhanças e diferenças, identificamos algumas oportunidades. A ideia deste cruzamento é estabelecer pontos de interesse que abram caminhos para discussões que contribuam com a prática do Design. Para isso, dois movimentos correlacionados foram feitos: o primeiro propondo reflexões pela teoria de Rosa (2019), e o segundo com reflexões a partir do Design.

Como mencionado, Rosa (2019) propõe categorizações que dão o ponto de partida para algumas linhas de discussão, como é observado, de forma resumida, no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Resumo das categorizações

DIMENSÃO	CATEGORIAS
Tempo	Cotidiano Biográfico Histórico
Aceleração	Técnica Ritmo de vida Mudanças sociais
Desaceleração	Limites naturais Colateral Intencional Ilhas de desaceleração

Fonte: Adaptado de Rosa (2019).

Sobre estas categorias e suas relações com o Design, percebe-se, na articulação entre o **tempo** de Rosa e os tempos e ritmos do e no Design, que, aparentemente, é mais coerente posicionar o Design como atuante na dimensão do Tempo Cotidiano. Isso porque a área ocupa-se de transformações que, na prática, lidam com problemas reconhecidos no presente e em um nível que é próximo e relacional. Mesmo nos tempos Biográfico e Histórico, em que

o olhar é mais distante, o Design age no deslocamento a um ponto futuro específico, tratando justamente das questões cotidianas naqueles cenários.

Quanto à *aceleração*, o Design demonstra significativa afinidade com os avanços tecnológicos relacionados à Aceleração Técnica. Isso pode ser explicado devido à sua origem procedente das engenharias. O Design, entretanto, vem ocupando-se mais recentemente de discussões sobre bem-estar social e equilíbrio saudável, situações que são impactadas pela Aceleração do Ritmo de Vida. Ao fazer isso, age como se estivesse lidando com o seu próprio legado técnico e voltado à produção na tentativa de harmonizar melhor – ou consertar – o mundo que ajudou a criar.

No que diz respeito à *desaceleração*, é fato que o Design contemporâneo atenta muito para os Limites Naturais que promovem condicionantes às suas propostas projetuais, como na ergonomia, por exemplo. Nota-se, também, que o Design observa aspectos relativos à sua interferência nas Desacelerações Colateral e Intencional, como entendendo ser responsável, em parte, por estas condições. Por outro lado, o Design expressa muita afinidade com as Ilhas de Desaceleração, dada sua demanda e vocação projetual, posto que este deve ser um campo bastante proveitoso para novos estudos.

Nas abordagens da área do Design percebe-se que elas trazem perspectivas distintas ao lidar com tempo e ritmo. Tais abordagens serão esquematicamente resumidas no Quadro 3, apresentado na sequência, numa tentativa de assentar seus principais conceitos por intermédio de palavras-chave, para, então, avançar em novas reflexões.

Quadro 3 – Resumo das quatro abordagens de Design

ABORDAGEM	AUTORES	TEMA PRINCIPAL	DESIGN ORIENTADO POR
Tempo como direção	Manzini e Jégou, 2006	Cenários futuros	Possibilidades
Tempo como andamento	Fuad-Luke, 2008	Slow Design	Sustentabilidade e ecologia do tempo
Tempo como coordenador social	Pschetz e Bastian, 2018	Design Temporal	Relações sociais e empatia temporal

Fonte: Elaboração própria (2023).

Manzini e Jégou (2006) observam o tempo como caminho ao ponto futuro, sendo este um lugar de possibilidades projetadas. O Design de/por Cenários traz um viés especulativo que oportuniza discussões importantes ao fazer ver futuros possíveis, expor expectativas e sugerir como chegar nestes lugares imaginados. De todas as visões que foram apresentadas aqui, esta é a abordagem mais conhecida no Design Estratégico. A crítica que se faz, entretanto, é que, para elaborar cenários de acordo com estes autores, trabalha-se na relação entre dois eixos de polaridades que nos seus cruzamentos geram quatro conceitos, e isso não corresponde à complexidade inerente de qualquer projeto; pelo contrário, simplifica-a. Pode facilitar o início de uma reflexão, mas limita aberturas de outros caminhos projetuais. Ou seja, visualiza-se um horizonte futuro que é restrito, e isso pode condicionar soluções igualmente restritas.

Fuad-Luke (2008) traz a abordagem que mais se relaciona com o conceito visto de aceleração social. Se a modernidade implica aceleração, isso se dá pelos avanços tecnológicos que, sabemos, têm relação direta com as práticas de Design. Surge, então, a oportunidade de

discutir sobre ética e responsabilidade do Design enquanto agente estimulador desta aceleração e mediador da nossa compreensão do tempo. Este autor propõe um modo slow que se entende mais relacionado pelo viés da sustentabilidade do que exatamente por desacelerar processos. Da mesma forma que ocorre nos cenários, a proposta de Fuad-Luke (2008) lida com polaridades – rápidas e lentas – que sugerem uma simplificação do problema: se o mundo acelerou, vamos projetar para desacelerar. Isso também se vê no tempo lento de Manzini (2008), que busca um contraponto à aceleração do ritmo de vida e saturação de atividades que nos colocamos. Encontra-se, porém, nas entrelinhas destas duas visões, uma tentativa de promover um equilíbrio.

Pschetz e Bastian (2018) oferecem, por meio do seu Design Temporal, uma visão mais relacional do tempo. De todas as visões analisadas, esta é a vertente mais diferenciada pela proposta de um tempo plural enquanto processo social, sendo provocativa quanto ao papel e atuação do Design nesta dimensão. Se o tempo é aprendido, ensaiado, contado e feito, então pode ser, também, repensado. Ao colocar o foco no tempo pelas relações, abrem-se outras possibilidades de expressões de temporalidade que não estão contempladas ou articuladas nas abordagens anteriores. Trata-se de uma abordagem que, assumidamente, se coloca à parte das outras, como que inaugurando uma nova alternativa em que não temos o tempo como direção ou dicotômico, mas, sim, propondo uma paisagem temporal mais rica.

As duas últimas abordagens rebatem o modelo de alienação social que nos condiciona ao tempo acelerado, sugerindo um movimento antissistema que propõe transformações de andamento. Aqui, percebe-se que existe espaço para o Design atuar estrategicamente. Dado que as medidas do tempo e seus compassos são parâmetros universais, cabe ao Design operar no ritmo das relações que ocorrem dentro destes tempos. O conceito de ecologia do tempo se aplicaria mediante a busca por um andamento mais equilibrado para o indivíduo, inspirando e ressonando uma empatia temporal coletiva. A transformação pode se dar, portanto, por intermédio de novos andamentos propostos pelo Design.

As abordagens de Manzini, Fuad-Luke e Pschetz e Bastian oferecem perspectivas intrigantes sobre a relação entre tempo, ritmo e design na sociedade contemporânea. Manzini enfoca o tempo como caminho para futuros possíveis, enquanto Fuad-Luke aborda a aceleração social e propõe o “Slow Design”. Pschetz e Bastian adotam uma perspectiva relacional do tempo, desafiando o modelo de alienação social. Todas convergem para destacar o papel crucial do design na reflexão sobre o tempo e ritmo na contemporaneidade, incentivando a repensar como moldamos nossa existência temporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserir o design nesta discussão sobre tempo e ritmo, e seus impactos na sociedade contemporânea, mostra-se assertivo e necessário justamente por estarmos vivendo um momento de reflexão sobre os hábitos em vigor e sobre as consequências das transformações instituídas nas últimas décadas, posto que também é possível incluir nesta ponderação um olhar para o futuro e para o caminho a ser percorrido até ele.

É possível constatar, entretanto, que os rumos adotados nas últimas décadas não foram plenamente saudáveis quando eles são observados na sua individualidade, pois impuseram ao mundo um ritmo que foi além das suas forças e do tempo cotidiano disponível, efetivando

um modelo acelerado e dominante de relações, hábitos e práticas laborais que exclui aquele que seja incapaz de adequar-se a ele. Sabe-se que a Revolução Industrial trouxe consigo um aumento da jornada de trabalho, que já foi de 70 horas semanais ao fim do século 18, de 60 horas ao fim do século 19 e de 50 horas no início do século 20. Ainda não faz um século que a jornada média de trabalho foi encurtada para o regime de 40 horas semanais, o que representa um passo significativo em direção à promoção de uma melhor qualidade de vida no século 21. O que não está sendo percebido, ou o que está sendo percebido por poucos, no entanto, é que a aceleração social, vivenciada atualmente, remete os indivíduos a uma demanda cotidiana tão desgastante quanto a vivenciada séculos atrás, e isso quase “zera” o benefício das conquistas historicamente alcançadas e propagadas.

Quando os movimentos “slow” ganham visibilidade e começam a propor uma desaceleração das práticas cotidianas, eles estão, em outras palavras, chamando atenção para um retorno simbólico das antigas jornadas laborais de 70 horas semanais, embora, desta vez, elas aconteçam disfarçadas por formatos contemporâneos e mais tecnológicos. Este é o ponto central do desafio que temos nas mãos quando se quer discutir o que o design está projetando neste momento e para onde a área precisará direcionar os seus esforços se quiser manter sua relevância construída com muito empenho.

O design tornou-se conhecido e necessário por suas criações e inovações em produtos, serviços, digitalidades e estratégias comunicacionais, entre outras entregas que impactaram diretamente a sociedade em que está atuando. Para que este impacto seja prolongado de forma positiva, novas variáveis deverão ser consideradas na sua prática projetual. Apenas para exemplificar: É possível criar dispositivos móveis úteis que não sejam necessários por mais que 40 horas semanais? Que criações inovadoras, que desaceleram o ritmo de vida, são possíveis e seriam adotadas no século 21? Como o design pode modular o seu próprio ritmo e contribuir com o ritmo dos demais?

A reflexão compartilhada neste artigo mostra-se atual e necessária para os rumos da área, embora seja impossível concluí-la nestes limitados parágrafos, mas espera-se ter oferecido uma contribuição positiva para se repensar o tempo e ritmo do design, assim como da contemporaneidade e de um futuro próximo. Os cenários de Manzini, com visões de futuro, e mesmo com suas limitações mencionadas, são instrumentos importantes para que se visualize alternativas possíveis e suas consequências, caso venham a ser executadas. Finaliza-se recordando que, antes de avançar, é necessário compreender como se chegou até aqui e quais foram os benefícios percebidos e os efeitos colaterais colhidos, para que, então, se pense nos próximos passos com segurança.

REFERÊNCIAS

- CREMA, R.; LELOUP, J.; WEIL, P. *Normose – a patologia da normalidade*. São Paulo: Editora Vozes, 2003.
- FUAD-LUKE, A. Slow Design. In: EHRLOFF, M; MARSHALL, T. *Design Dictionary: Perspectives on Design*. Berlin: Birkhäuser Verlag, 2008. p. 361-363.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Editora Loyola, 2016.
- HONORÉ, C. *Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.
- HAN, B. C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

- HEIJDEN, K. *Planejamento de cenários: a arte da conversação estratégica*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2009.
- HORTA, L. *Dicionário de música Zahar*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KIEFER, B. *Elementos da linguagem musical*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1973.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.
- LEFEBVRE, H. *Rhythmanalysis: Space, time and everyday life*. New York: Continuum, 1992.
- MANZINI, E. Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. *Cadernos do Grupo de Altos Estudos*, Rio de Janeiro: E-Papers: UFRJ, v. 1, 2008.
- MANZINI, E.; JÉGOU, F. Design degli scenari. In: BERTOLA, P.; MANZINI, E. *Design multiverso: notas de fenomenologia do design*. Milano: Poli.Design, 2006. p. 189-207.
- PAPANEK, V. *Design para o mundo real: ecologia humana e mudança social*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- PSCHETZ, L.; BASTIAN, M.; SPEED, C. *Temporal Design: looking at time as social coordination*. Boston: DRS Design Research Society Proceedings, 2016.
- PSCHETZ, L.; BASTIAN, M. Temporal design: rethinking time in Design. *Design Studies*, v. 56, p. 169-184, 2018.
- ROSA, H. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

Autor Correspondente:

Gabriel Gallina Jorge

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Av. Luiz Manoel Gonzaga, 744 – Três Figueiras, Porto Alegre/RS, Brasil. CEP 90470-280

arq.gallina@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

